



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

## **Ciclo Transgressões no Museu: Educação, Cultura e Direitos Humanos**

**Cláudio Eduardo Resende Alves**

**Wagner Tameirão**

### **Introdução**

O “Ciclo Transgressões no Museu: Educação, Cultura e Direitos Humanos”, realizado nos dias 9, 10 e 11 de abril de 2014, é fruto da parceria exitosa entre o espaço museológico Memorial Minas Gerais Vale e a Secretaria Municipal de Educação, por meio do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Desde o ano de 2013, as instituições referidas desenvolvem ações conjuntas a fim de promover interfaces profícuas entre as áreas da Educação e da Cultura. A primeira ação articulada foi o “Percurso Museológico História de Mulheres: vozes e silêncios”, que teve como objetivo valorizar a mulher em diferentes dimensões da vida, numa perspectiva histórica e na contemporaneidade, destacando seu papel na política, ciências e tecnologias, arte, cultura, história, literatura, economia e nas relações de trabalho da sociedade brasileira. No ano de 2014, foi a vez do Ciclo Transgressões no Museu, que teve como objetivo discutir, repensar e refletir sobre a acessibilidade social dos sujeitos travestis e transexuais aos equipamentos públicos de saúde, educação, cultura, assistência social e segurança da cidade de Belo Horizonte.



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

A ideia do Ciclo surgiu em uma atividade de formação com os educadores do Memorial Minas Gerais Vale, na qual foi questionada a ausência do público de travestis e transexuais no espaço museológico. Por que este público não frequenta o espaço? O que é preciso fazer para garantir o acesso social de todos? Caso este público esteja presente, a visita guiada deve ser diferenciada? Como fica a utilização dos banheiros nesses espaços? Banheiro feminino ou banheiro masculino? Estas e outras questões nos instigaram a pensar estratégias.

Metodológicas de alcance, acesso e acolhimento dos sujeitos trans não somente em museus, galerias e teatros, mas também em escolas, postos de saúde, repartições públicas, delegacias, entre outros.

O Memorial Minas Gerais Vale foi inaugurado em 30 de novembro de 2010 como parte integrante do Circuito Cultural Praça da Liberdade, complexo de centros culturais que funcionam em edifícios públicos do entorno da Praça da Liberdade. O equipamento ocupa o prédio da antiga Secretaria de Estado da Fazenda. Caracterizado como museu de experiência, o Memorial instiga o visitante a descobrir a história e os costumes mineiros, do século XVIII ao momento atual, de uma forma diferente e interativa. Personagens ilustres, vilas barrocas, grandes autores, cidadãos comuns, moda, comida típica estão representados nas 31 salas que compõem o equipamento. Em todas elas, a tecnologia é utilizada em conjunto com objetos e cenários tradicionais para criar um espaço rico e futurista, que ressalta as experiências propostas pelo espaço.

Além da visitação às exposições permanentes, o Memorial possui uma ampla programação cultural gratuita com grande envolvimento com a cultura local e com a comunidade. Performances, exposições de jovens artistas, exposições de



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

fotografias, saraus poéticos, leitura de textos dramáticos, apresentações musicais e de dança, e seminários compõem a programação do espaço.

O Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual da Secretaria Municipal de Educação desenvolve ações, desde 2008, de enfrentamento às práticas sexistas, homofóbicas e transfóbicas nas escolas, junto ao corpo docente e discente, como, por exemplo: rodas de conversa, sessões de filmes comentados, seminários temáticos para gestores da educação, mediação de conflitos nas escolas, palestras para comunidade e articulação com o Conselho Municipal de Educação, por meio da qual foi aprovada a Resolução CME/BH no 002/2008, que legaliza o uso do nome social de travestis e transexuais nos documentos internos escolares. A legitimação do nome social se configura como uma política pública de acesso à escola para esse público, entretanto, não garante a permanência, nem a conclusão dos estudos em função das práticas discriminatórias ainda presentes nas escolas.

## **O planejamento e a construção coletiva do evento**

Um integrante primordial na construção do Ciclo foi o fotógrafo e jornalista Lucas Ávila, que, desde 2011, desenvolve um projeto fotográfico sobre travestis, transexuais, drag queens e andróginos em cenas domésticas do cotidiano, como lendo livros, varrendo casa, se arrumando no banheiro, praticando esportes, fazendo yoga, falando ao telefone, brincando com o cachorro e se penteando em frente ao espelho. As imagens feitas durante o dia, nas próprias casas das fotografadas e em espaços públicos urbanos, além de promover um estranhamento sobre as múltiplas identidades de gênero e a diversidade sexual, são atravessadas pelo recorte geracional (existem fotos de sujeitos trans jovens, adultos e idosos), com destaque para diferentes ocupações profissionais e condições econômicas. O título da exposição “Elas, Madalenas” faz uma referência à controversa imagem



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

bíblica de Maria Madalena. Para alguns pesquisadores dos evangelhos apócrifos, ela foi considerada esposa e cúmplice de Jesus Cristo; para outros, ela é a prostituta arrependida, salva momentos antes do apedrejamento. Por mais que os registros bíblicos não citem ou relacionem Maria Madalena à prática da prostituição, seu nome se tornou popularmente associado ao pecado, arrependimento ou negação da moralidade vigente na sociedade ocidental. Assim como ela, a imagem de travestis e transexuais no Brasil também está popularmente relacionada à marginalidade, em muitos casos por desconhecimento e preconceito.

A exposição foi composta por 10 fotografias impressas em totens de 1,70m X 78cm, localizados nas escadas do Memorial Minas Gerais Vale, e outras 10 fotografias de tamanho 10cm X 15cm, impressas em formato “pop-card” e disponíveis para o público em uma penteadeira vintage na entrada do Memorial. Foram 6 fotografias impressas em preto e branco e outras 14 coloridas, conforme a estética escolhida pela curadora da exposição, Amanda Alves. Paralelamente à exposição, foram concebidas mesas de debates com profissionais de equipamentos públicos da cidade, com o propósito de discutir as políticas públicas de inclusão da diversidade sexual durante os três dias do evento. Tomou-se o cuidado de sempre convidar uma travesti ou transexual para participar das mesas, ora como palestrante, ora como debatedora e mestre de cerimônias.

Antes do Ciclo, foram realizados encontros de formação com todos os profissionais que trabalham no espaço museológico: equipe da limpeza, portaria, administrativo, lanchonete, recepção, além de toda a equipe do setor educativo. A intencionalidade desses encontros foi capacitar os profissionais para o atendimento e acolhimento do público-alvo do evento, contextualizando e discutindo a diversidade sexual pelo viés dos direitos humanos, amparados em diversos marcos legais brasileiros, inaugurado com a Constituição Federal de 1988. O uso do banheiro foi um dos **Destaques da**



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

**formação** e a fim de efetivar realmente o acesso da população trans, foram confeccionadas novas placas identificatórias para as portas dos banheiros, em que constavam a imagem de uma mulher ao lado de um homem, ou seja, banheiros unissex.

A divulgação do evento foi outro aspecto importante a ser destacado. Foram elaborados cartazes, folders, “pop-cards” e peças de divulgação virtual com a programação para distribuição nos equipamentos públicos da cidade, nas redes sociais, nos bares e centros de referência LGBT, nas universidades locais e nas escolas municipais de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do noturno, por ser essa modalidade de ensino a mais procurada por sujeitos trans que retomam os estudos. Além disso, foram enviadas cartas nominais de convite para todas as fotografadas, afinal, não há sentido fazer um evento para travestis e transexuais sem a presença e participação das mesmas.

## **O evento e seus desdobramentos**

O primeiro dia do Ciclo se iniciou com a exposição fotográfica, seguida de um coquetel e um show da performática Dolly Piercing. Cerca de 300 pessoas compareceram nesta primeira noite do evento, que finalizou com a mesa de debate “Visibilidades Transgressoras: travestis e transexuais em foco” no auditório do espaço museológico, logo após a mesa institucional de abertura. Dessa primeira rodada de discussão, fizeram parte Anyky Lima, Presidente do CELLOS/MG – Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais, Lucas Ávila, fotógrafo responsável pela exposição “Elas, Madalenas”, e Raul Capistrano, integrante da ABHT – Associação Brasileira de Homens Trans. A mestre de cerimônias, Gisela Lima, conduziu os debates enriquecedores e polêmicos, que ultrapassaram o horário previsto de término do evento, qual seja, 22h00.



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

O segundo dia do Ciclo foi iniciado com uma visita guiada pelo espaço museológico para um grupo de travestis e transexuais convidadas. A equipe do educativo se organizou de forma a atender o público que, embora pequeno, se envolveu sensivelmente com o acervo e a proposta museal. Na sequência, foi realizada a segunda mesa de debates “Direitos Humanos e Políticas Públicas de Diversidade Sexual”, que contou com a participação de Walkíria La Roche, Coordenadora Especial de Diversidade Sexual da Secretaria de Estado de Trabalho e Desenvolvimento Social de Minas Gerais, Dra. Beatriz Santana Soares, médica endocrinologista e professora da UFMG, com grande experiência no processo de hormonoterapia trans, Sílvia Helena, Secretária Municipal Adjunta de Direitos de Cidadania, e Margaret de Freitas Assis Rocha, Delegada de Polícia e Coordenadora do Núcleo de Atendimento e Cidadania LGBT de Minas Gerais.

O **terceiro e último dia** do Ciclo contou com um público majoritariamente do campo da educação; os professores da Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte encheram o auditório. A mesa de debates intitulada “O uso do nome social: direitos e práticas identitárias” apresentou e discutiu o uso legítimo do nome social por travestis e transexuais, na perspectiva dos convidados: José Wilson Ricardo, Gerente Regional de Educação e ex-Conselheiro Municipal de Educação, Anna Christina Pinheiro, Psicóloga da Secretaria Municipal de Saúde, e a Dra. Flávia Marcele Torres Ferreira de Moraes, Defensora Pública do Estado de Minas Gerais. A última convidada a fazer sua apresentação foi Patrícia Augusto, psicóloga e ex-integrante do Centro de Referência LGBT, que fez um significativo relato pessoal dos desafios enfrentados por ela para usar o nome social na instituição acadêmica em que se graduou e no mercado de trabalho.

## **Considerações finais: desafios permanentes**



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

O evento foi um sucesso. A cobertura na mídia – programa de televisão, entrevista em rádio, fotos e matérias nos principais jornais locais e muitas postagens em sites, blogs e redes sociais – foi muito acima do esperado, considerando a peculiaridade da temática e o grande tabu que ainda é falar de diversidade sexual em um país homofóbico, sexista e heteronormativo como o Brasil. A grande repercussão do evento propiciou o convite para a realização do 2º Ciclo Transgressões no Museu, desta vez no Museu de Artes e Ofícios, localizado na Praça da Estação, no centro da cidade de Belo Horizonte, no segundo semestre de 2014.

A Secretaria Municipal de Educação avaliou como extremamente positiva e exitosa a ação articulada com os espaços culturais, uma vez que a educação se faz não apenas na instituição escola, mas também nos museus, nos parques, nas ruas, nos clubes, nos centros culturais, enfim, na apropriação qualificada dos espaços públicos urbanos.

Foi extremamente gratificante para o Memorial receber travestis, transexuais e um diverso público interessado em ver a exposição “Elas, Madalenas” e participar do Ciclo Transgressões no Museu. Muito se fala em acessibilidade, por isso a importância de ações para acolher bem os diversos públicos ainda à margem da sociedade ou esquecidos por ela. O museu também é espaço de discussão e de inclusão, e não pode virar as costas para uma vida pulsante e seus atores sociais. Ele deve estar enfronhado com as questões sociais e culturais para trazê-las para o seu dia a dia.



**REVISTA**  
**MEMÓRIA LGBT**